

## TROCA DE CORRESPONDÊNCIA ENTRE JERÓNIMO CARDOSO E INÁCIO DE MORAIS

AIRES COUTO

Verdadeiros e profundos laços de amizade foram os que Inácio de Moraes, um dos principais representantes da nossa literatura quinhentista novilatina<sup>1</sup>, manteve com o humanista Jerónimo Cardoso com quem, como se verá, trocou frequentemente cartas e poesias várias.

Os dados biográficos de Jerónimo Cardoso, *o pai da lexicografia portuguesa* (como lhe chamou Paul Teyssier<sup>2</sup>) são escassos como, de resto, acontece em relação à maioria dos humanistas portugueses<sup>3</sup>. Os poucos dados conhecidos foram-nos fornecidos pelas suas obras, nomeadamente as suas cartas, elegias e silvas<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Inácio de Moraes nasceu em Bragança, no início do séc. XVI. Estudou em Paris, onde obteve o grau de Mestre em Artes (1530), e em Lovaina, onde aprofundou o estudo das letras clássicas. Começou a exercer funções de docência em 1535, tendo sido professor de Humanidades em vários colégios (Penha Longa, Santa Marinha da Costa, e Santa Cruz), e de Poesia na Universidade de Coimbra.

Em 1548, Inácio de Moraes começou a frequentar a Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra, tendo, em 1554, obtido o grau de bacharel.

Após um final de vida profundamente marcado por dificuldades económicas, viria a falecer nos finais de 1580, deixando uma significativa obra publicada (orações fúnebres e panegíricas, obras poéticas, cartas e composições poéticas). Infelizmente, algumas destas obras não chegaram aos nossos dias e outras tornaram-se verdadeiras raridades.

Para a obtenção de mais dados biobibliográficos relativos a Inácio de Moraes, vd. COUTO, A. P. (1995).

<sup>2</sup> Cf. TEYSSIER, P. (1990), p. 199.

<sup>3</sup> Para além dos dados transmitidos no séc. XVIII por Francisco Leitão FERREIRA (1937), pp.496-507, e por Barbosa MACHADO (1966), pp.488-491; os trabalhos dedicados, nos nossos dias, a Jerónimo Cardoso são escassos (vd. a bibliografia indicada por Isaltina MARTINS (1986), p.141).

<sup>4</sup> Uma recolha da correspondência de Jerónimo Cardoso, num total de 68 cartas (43 escritas por ele e 25 a ele dirigidas), foi publicada no *Epistolarum Familiarium Libellus* (1556); 56 composições poéticas da sua autoria ou a ele dedicadas foram reunidas no *Elegiarum liber II* (1563); e sob o título *Syluarum liber unus* (1564),

Natural de Lamego<sup>5</sup>, como ele próprio deixa entender na elegia intitulada *Ad patriam*, a última do livro I do *Elegiarum liber II*:

*Colle sub ingenti (Lamacum dixere priores)  
urbs sedet ... (vv. 17-18)*

.....

*Hinc pater, hinc mater chara, hinc oriunda propago  
hic data sunt lactis prima alimenta mihi. (vv. 63-64)*

"Sob um enorme outeiro fica a cidade (os Antigos chamaram-lhe Lamego) ..."

.....

"Daqui é oriundo o meu pai, a minha querida mãe, a minha família; aqui fui eu amamentado."

– Jerónimo Cardoso nasceu no início do séc. XVI<sup>6</sup>, no seio de uma família provavelmente de origem judaica<sup>7</sup>, tendo tido quatro irmãos e quatro irmãs, como se pode deduzir das palavras que o seu pai lhe dirigira e que ele recorda na já referida elegia *Ad Patriam*:

*Quatuor (inquit) habes fratres totidemque sorores  
quos decet auxiliis, sustinuisse tuis. (vv.99-100)*

---

foram publicadas outras 15 composições dirigidas a várias pessoas e 1 epitalâmio composto aquando do casamento do príncipe D. João e da princesa D. Joana. (Neste artigo identificar-se-ão os passos retirados destas 3 obras através das seguintes abreviaturas: *Ep.*; *EL.*; *Syl.*, respectivamente).

Para além destas três obras, Jerónimo Cardoso publicou várias outras, de que podemos destacar *o Libellus de terrae motu. De uario amore aegloga. De disciplinarum omnium laudibus oratio*, (1550), e os seus vários dicionários de Latim/Português. Os interessados poderão encontrar um elenco da totalidade da obra de Jerónimo Cardoso em MACHADO, B. (1966), pp.489-491, e em FERREIRA, F. L. (1937), pp.496-504. Para o estudo da obra do Humanista, poderão consultar-se, com bastante proveito, a apreciação que o doutor Justino Mendes de Almeida faz da sua obra nas páginas 6-38 da introdução à *Oração de sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas*, de Jerónimo Cardoso (uma reprodução facsimilada da edição de 1550, com tradução de Miguel Pinto de Menezes, publicada em 1965), e também o já citado estudo de Paul Teyssier, pp.200-204. (Estranhamente, no elenco que o doutor Justino M. de Almeida faz das cartas e das elegias de Jerónimo Cardoso, refere apenas 65 cartas, quando são de facto 68, e apresenta também como sendo apenas 21, as elegias publicadas no livro I do *Elegiarum Liber II*, quando elas são 28!).

<sup>5</sup> Jerónimo Cardoso intitula-se frequentemente *Hieronymus Cardosus Lamacensis* (Jerónimo Cardoso de Lamego).

<sup>6</sup> Justino Mendes de Almeida propõe, ainda que com algumas dúvidas, a data de 1508 (vd. CARDOSO, J. (1965), p.3).

<sup>7</sup> Vd. RÉVAH, I. S. (1964), pp.278-279.

"Tens quatro irmãos e outras tantas irmãs (dizia ele),  
convém que sejam sustentados com a tua ajuda."

e onde também informa que a sua família, outrora rica, estava arruinada:

*Sum (fateor) pauper, diues at ante fuit.* (v.104)

"Sou pobre (confesso-o), mas antes (*a minha família*) foi rica."

Afirma ainda, na mesma elegia, que, apesar de se sentir vocacionado para a poesia, estudou Direito para obedecer a seu pai:

*Sed tamen ut chari sequerer praecepta parentis,  
verboso didici iura tuenda foro,  
cogor et inuitus parnasia linquere Tempe.* (vv.89-91)

"Mas, no entanto, para obedecer aos conselhos do meu querido pai, aprendi a defender causas no verboso tribunal e sou obrigado a, contra a minha vontade, deixar o parnasiano Tempe."

Estudou em Salamanca<sup>8</sup>, donde regressou por volta de 1530<sup>9</sup>,

---

<sup>8</sup> Atesta-o uma carta (Ep. fls.21-22) que Jerónimo Cardoso envia ao jurista Bartolomeu Filipe, também ele antigo estudante em Salamanca, onde escreve:

*Quem etsi iam antea Salmanticae agens impense suspexerim, nunc uero impensius admirari non desinam.*

"Embora já antes, em Salamanca, eu te admirasse muito, agora, na verdade, não deixarei de te admirar muito mais".

Ao contrário de muitos daqueles que viriam a ser os principais humanistas portugueses, Jerónimo Cardoso não estudou em Paris ou em Lovaina, como um dos seus irmãos (cf. a silva intitulada *Ad fratrem*, pp.21-25), embora tenha demonstrado interesse em ir para a Universidade de Paris, como se deduz da carta de Cristóvão Fernandes a Jerónimo Cardoso:

*Quid Parrhisiorum Lutetiam profisci cupis? Quid aues quod non obtinueris? Nonne ubi rex est curia inest? Et ibi Parrhisii ubi doctissimi sunt, quorum tu omnium princeps maximo omnium consensu es. Igitur Olysipo Lutetia est.* (Ep. fl. 41)

"Por que razão desejas ir para Paris? Que desejas tu que ainda não tenhas obtido? Não é verdade que a corte está onde está o rei? Os Parisienses estão onde estão os mais sábios, e tu és, na opinião de todos, o principal de todos eles. Por isso Lisboa é Paris."

<sup>9</sup> Cf. CARDOSO, J. (1965), p.5.

depois de ter obtido o grau de bacharel em Cânones<sup>10</sup>.

Sabemos que Jerónimo Cardoso consagrou a sua vida ao ensino, tendo fundado uma escola em Lisboa, no bairro da Universidade, e que, entre os seus inúmeros alunos, contaram-se alguns que viriam a ser humanistas famosos, como por exemplo: Jerónimo Osório, Manuel da Costa, Aquiles Estaço, entre outros<sup>11</sup>. A alguns deles, nomeadamente Jerónimo Osório, Jerónimo de Castro, André Cotrim, António Vaz, Aquiles Estaço, etc., dedicou Jerónimo Cardoso poesias, e com outros trocou cartas. Mas não foi apenas a alunos ou antigos alunos que ele dedicou poesias ou enviou cartas, ele fê-lo também para pessoas influentes da época, procurando neles uma protecção especial (é o caso de, entre outros, Afonso de Portugal, 2º conde de Vimioso; e de D. Afonso de Noronha, filho de D. Sancho de Noronha - 4º conde de Odemira e alcaide-mor de Estremoz)<sup>12</sup>.

Jerónimo Cardoso manteve também relações privilegiadas com os mais famosos humanistas da época, nomeadamente com Damião de Góis, André de Resende, Jorge Coelho, Jerónimo Osório e Inácio de Moraes. Com os seus amigos humanistas, quase todos filólogos e latinistas, trocava composições em prosa e verso e solicitavam-se mutuamente críticas, o que fez com que algumas cartas resultassem em verdadeiras exposições filológicas, salpicadas, aqui e além, por algumas discussões mais vivas<sup>13</sup>. Mas, nesta troca de correspondência, sobressai, para além das discussões filológicas e literárias, um outro tema: a amizade.

As cartas e os poemas trocados entre Jerónimo Cardoso e Inácio de Moraes são claramente um exemplo do que se acabou de referir,

<sup>10</sup> Cf. MACHADO, B. (1966), p.488.

<sup>11</sup> Vd. *ibid.* p. 488; CARDOSO, J. (1965), p.6; TEYSSIER, P. (1990), pp.208-209.

A sua dedicação ao ensino não lhe deixava qualquer tempo livre, ele próprio o diz numa carta que escreve a Manuel de Aguilar, seu antigo aluno (*Ep.* fls. 10vº-11vº):

*Cum optime noris me ab Octobris calendis tum diurnis tum nocturnis lectionibus eo usque distineri, ut ne punctum quidem temporis reliqui fiat, quod ipsae sibi totum non intercipient.*

"Como sabes perfeitamente, estou, desde o dia 1 de Outubro, tão ocupado com as lições, tanto diurnas como nocturnas, que, na verdade, não me resta nenhum momento que não lhe esteja totalmente dedicado."

<sup>12</sup> Vd.. TEYSSIER, P. (1990), pp.209-210.

<sup>13</sup> Vd. *ibid.*, pp.210-213.

pois, para além de apresentarem algumas discussões filológicas, deixam também transparecer uma admiração mútua e a existência de profundos laços de amizade entre os dois humanistas.

Chegaram até nós duas cartas de Jerónimo Cardoso para Inácio de Moraes<sup>14</sup>; três cartas de Inácio de Moraes dirigidas a Jerónimo Cardoso, estando uma delas acompanhada por um breve epigrama constituído por dois dísticos elegíacos<sup>15</sup>; uma elegia de Inácio de Moraes para Jerónimo Cardoso, composta por 6 dísticos elegíacos<sup>16</sup>; e cinco composições poéticas de Jerónimo Cardoso para Inácio de Moraes: a primeira constituída por 13 estrofes sáficas; a segunda por 11 hendecassílabos falécios; a terceira por 26 dísticos elegíacos; a quarta por 32 dísticos elegíacos; e a quinta por 41 hexâmetros dactílicos<sup>17</sup>. Estas cartas e composições poéticas fornecem-nos inúmeras informações, reveladoras das relações existentes entre os dois humanistas.

Na primeira carta de Jerónimo Cardoso dirigida a Inácio de Moraes, publicada no *Epistolarum Familiarium Libellus* (fls.32vº-33vº), e que constitui uma resposta a uma carta de Inácio de Moraes, o humanista lamecense começa por exprimir o prazer imenso que sentiu ao receber a carta de Inácio de Moraes:

*Quanta me laetitiae tuae literae extulerint, quantaque uoluptate perfuderint nullis sane uerbis consequi posse arbitror.*

"Quanta felicidade me trouxe a tua carta e o quanto me encheu de prazer; penso não poder sem dúvida exprimi-lo com palavras."

Nesta mesma carta, Jerónimo Cardoso afirma ter escrito alguns versos, que pudessem testemunhar a inclinação do seu espírito para

<sup>14</sup> Estas cartas encontram-se publicadas no já citado *Epistolarum Familiarium Libellus* de Jerónimo Cardoso, fls. 32vº-33vº ; 55vº-57vº.

<sup>15</sup> Publicadas na obra de Jerónimo Cardoso referida na nota anterior, fls.33vº-34º 50vº-51vº; 53-54vº. (Vd. texto integral e tradução de cada uma destas cartas em COUTO, A. P. (1995), pp. 304-315.

<sup>16</sup> Publicadas no já citado *Elegiarum liber II*, fls. Fivº-Fii. (Vd. texto e tradução in COUTO, A. P. (1995), p.487).

<sup>17</sup> Destas 5 composições poéticas de Jerónimo Cardoso, as 4 primeiras vêm publicadas na obra referida na nota anterior, fls. Biiij-Bv; Bv-, Bvº-Bvj; Cij-Ciij, respectivamente. A última aparece publicada no já citado *Sylvarum liber unus*, p.38-40.

com Inácio de Moraes, e ter decidido enviar-lhos<sup>18</sup>. E termina esta carta, dizendo:

*Vale et quam creberrimas literas tuas uicissim exspecto, quibus diuturnior beneuolentia nostra fieri possit.*

"Adeus e espero sucessivamente as tuas muito ricas cartas para que, com elas, a nossa afeição possa tornar-se mais duradoura".

Por sua vez, Inácio de Moraes, numa das cartas que dirige ao humanista lamecense e que aparece publicado imediatamente a seguir àquela de que acabámos de falar (*Ep.* fls.33v<sup>o</sup>-34)<sup>19</sup>, considera-o um *uir ornatissime* (homem muito erudito) e elogia a carta e os poemas que este lhe tinha enviado e que ele leu e releu com grande prazer espiritual<sup>20</sup>, considerando que "a carta documenta toda a eloquência ciceroniana e atinge a sublimidade da oratória forense"<sup>21</sup> e que, nos seus poemas, "tudo é formosura, graciosidade, beleza e elevação: a perfeição e o arranjo dos poemas demonstra inteiramente a inspiração do verso virgiliano"<sup>22</sup>.

---

<sup>18</sup> Cf. fls.33-33v<sup>o</sup>:

*Quamobrem alios tametsi male ornatos elucubrauimus. Non quod uideantur satisfacere, sed quod animi erga te mei propensionem testificari possent, eos ad te mittere statui.*

<sup>19</sup> Vd. texto e tradução integral desta carta in COUTO, A. P. (1995), pp.304-305.

<sup>20</sup> Cf. *Ep.* fls.33v<sup>o</sup>-34: *Tuam igitur epistolam Cadose uir ornatissime simul et festiuissima illa carmina non sine ingenti animi mei uoluptate perlegi.*

<sup>21</sup> (...) *epistola ciceronianam ostentat facundiam ad sublimitatemque dicendi forensem assurgit.*

<sup>22</sup> (...) *nihil non uenustum nihil non lepidum atque elegans nihil certe quod humi serpat: omnino elaborata atque exulta carmina quidem tumorem illum uergilianum (...) ostentat.*

Inácio de Moraes reitera esta ideia no pequeno epigrama que acompanha esta carta, considerando Jerónimo Cardoso um segundo Cícero e um segundo Virgílio:

*Seu cupis orator prosam, seu scribere carmen  
Tullius es prosa, carmine Vergilius,  
carmina componas seu scribas uerba soluta  
alter Vergilius, Tullius alter ades.*

Os elogios dos humanistas nem sempre podem ser levados totalmente a sério. É o que se passa com estes de Inácio de Moraes em relação a Jerónimo Cardoso. De facto eles devem-se mais à existência de uma grande amizade entre ambos do que a um efectivo grande valor de Jerónimo Cardoso como poeta ou prosador. TEYSSIER, P. (1990), p. 214, diz a este propósito: "Hélas, contrairement à ce que disaient ses

A admiração intelectual de Inácio de Moraes por Jerónimo Cardoso era tal que o levou a manifestar, numa outra carta, o seguinte desejo:

*Vellem Cardose, uir praeclare, longe maius mihi otium suppeteret ut tecum de re literaria colloquium miscere liberior possim, et mihi liceret assidue ab isto ore pendere ex quo melle dulcior distillat oratio. Non enim sum inscius quanta ex tam nobili et pulcherrima exercitatione ad me utilitas demanaret. (Ep. fls.50vº-51)*

“Eu queria, ó Cardoso, homem muito ilustre, que um ócio muito maior estivesse ao meu dispor para que eu pudesse, com mais liberdade, conversar contigo sobre assuntos literários; e me fosse possível, assiduamente, ficar suspenso dessa boca, da qual sai um discurso mais doce do que o mel. Com efeito não ignoro quanta utilidade resultaria para mim de tão nobre e belíssimo exercício.”

Nesta mesma carta, o Humanista Bragantino aproveita para retribuir a Jerónimo Cardoso os elogios que ele lhe fizera e que ele considerou excessivos, mas que, no entanto, ele lhe agradece muito, uma vez que, diz Inácio de Moraes: "não ignoro que os elogios que me fazes se devem a uma grande amizade que (como é costume) engana sempre muito aqueles que se estimam"<sup>23</sup>.

Para além de confirmar a existência de laços de amizade entre Inácio de Moraes e Jerónimo Cardoso, esta carta tem uma importância especial pelo facto de nos informar que Jerónimo Cardoso pediu a Inácio de Moraes que lhe fizesse a revisão do discurso que proferiu na Universidade de Lisboa em 1 de Outubro de 1536, provavelmente com o intuito de o vir a publicar, o que viria a acontecer em 1550, ano em que a *Oratio pro rostris de laudibus omnium disciplinarum* foi impressa.

Nesta revisão, Inácio de Moraes sugeriu duas modificações:

---

amis, Cardoso était loin d'être un Cicéron ou un Virgile. (...) Mais au niveau moyen qui est le sien, Cardoso exprime un humanisme très authentique dont toutes les composantes sont en résonance avec leur temps: parfaite connaissance du latin, enthousiasme pour la science, les bonnes lettres et l'étude (*eruditio, litterae bonae artes, bonarum artium studia*), culte de l'Antiquité, fierté d'appartenir à une élite, mépris pour la "barbarie" et les "ténèbres" et enfin idéal de l'homme accompli, - ce qu'exprime précisément le beau mot d'humanitas. C'est dans cet idéal qu'il puise, lui qui n'était qu'un maître de latin assez besogneux et un *crístão novo* au statut social marginal, un sentiment d'intime fierté."

<sup>23</sup> Fl. 51.- (...) *cum quae de nobis praedicat ab ingenti amore promi non sum nescius qui (ut solet) nimium semper amantibus imponit.*

*Quod uero ais conclamatum pro dictum uide, ne purum proprie dicatur. Nam conclamatum dicitur pro eo quod est perit, tametsi Erasmus noster eius non meminit. Constat, tamen in hunc sensum (auctore Donato) Terentium usurpasse, cum in Eunucho ait: "desine, conclamatum est". Itaque ut ambiguitatis nodum resecarem dicerem potius dictum.*

*Caetera omnia quantum ad orationis cultum et elegantiam attinet, ita sunt tersa, ita limata et polita, ita denique sapiunt robur oratorium, ut nihil supra. Illud tamen quod de sapientia addis: "eamque nisi mors uobis adimet nemo", dixisses uelim, magis iuxta ueram Philosophorum atque Theologorum sententiam: "eamque ne mors quidem uobis adimere potest", siquidem cum animus noster immortalis semper aeternusque habeatur, et scientia disciplinaeque omnis quae in ipso inest ne morte quidem ipsa deletur.*

*Haec habui quae uisum est ad te scribere, magis obsequendi tibi gratia, quam quod nimis imbecillo ingenio meo confiderem, aut tecum certamen instituere tentem, cui non modo in rebus his sed longe etiam in grauioribus cedo. Caeterum res omnis arbitrio stetque cadatque tuo.*

«Quanto a dizeres *conclamatum*, em vez de *dictum*, vê-lá que não pareça que está utilizado com pouca propriedade, na verdade diz-se *conclamatum*, em vez de *dictum*, daquilo que acabou, embora o nosso caro Erasmo<sup>24</sup> não se lembre dessa forma. No entanto, consta que Terêncio a empregou neste sentido (segundo informação de Donato) quando, no *Eunuco*, diz: "acabou-se, está arrumado"<sup>25</sup>. E assim, para suprimir o embaraço da ambiguidade, eu diria, de preferência, *dictum*<sup>26</sup>. Tudo o restante, no que diz respeito ao cultivo e elegância do discurso<sup>27</sup>, é

<sup>24</sup> A forma como Inácio de Moraes se refere a Erasmo: *Erasmus noster*, é reveladora da influência que Erasmo teve em Inácio de Moraes e Jerónimo Cardoso, sobretudo no campo filológico. Aliás, os exemplos que Jerónimo Cardoso apresenta no dicionário Latim/Português de 1569-1570 foram tirados dos *Adagia* de Erasmo (vd. TEYSSIER, P. (1990), pp. 215-216). Também Inácio usa, na sua obra, alguns provérbios que se encontram nos *Adagia* de Erasmo (vd. COUTO, A. P. (1995), pp.279-281).

<sup>25</sup> Terêncio, *Eunuchus*, 348.

<sup>26</sup> Não aparece na oração de Jerónimo Cardoso, publicada em 1550 (vd. nota seguinte), a palavra *conclamatum* ou a palavra *dictum*. Isso prova que Jerónimo Cardoso, de acordo com a sugestão de Inácio de Moraes, substituiu a palavra *conclamatum*, ainda que, provavelmente, por outra que não *dictum*.

<sup>27</sup> Refere-se à *Oração de sapiência em louvor de todas as disciplinas* que Jerónimo Cardoso proferiu na Universidade de Lisboa, em Outubro de 1536. Deduz-se que Jerónimo Cardoso enviou ao seu amigo Inácio de Moraes esta oração para que ele a revisse com vista à sua publicação. Ela viria a ser publicada em Coimbra, em 1550, com o título *Oratio pro rostris de laudibus omnium disciplinarum*.

Esta carta terá sido enviada a Jerónimo Cardoso depois de Inácio de Moraes ter

de tal maneira límpido, limado e polido, e de tal maneira exala o vigor da oratória, que nada o excede. Todavia, quanto àquilo que dizes da sabedoria: "e ninguém vo-la tirará a não ser a morte", eu preferia que, segundo a verdadeira sentença dos filósofos e dos teólogos, tivesses dito antes: "e essa, na verdade, nem sequer a morte vo-la pode tirar"<sup>28</sup>. Com efeito, uma vez que a nossa alma é sempre considerada imortal e eterna, também toda a ciência e a cultura que nela existe não pode ser destruída nem pela própria morte.

Estes foram os assuntos sobre que me pareceu bem escrever-te, mais para te fazer a vontade do que por confiar muito no meu fraco engenho ou para tentar travar uma discussão contigo, a quem eu cedo não apenas nestas coisas, mas também em coisas de longe mais importantes. Quanto ao resto, que tudo se mantenha e seja suprimido segundo a tua vontade.»

O Humanista bragantino fez acompanhar esta carta de um epigrama que (segundo as suas próprias palavras) ele escreveu "para recomendação do teu discurso e para que fique, ao menos, também da nossa amizade, alguma recordação, ainda que pequena"<sup>29</sup> e que ele gostaria de ver publicado juntamente com o discurso. Tal não viria a acontecer, pois não aparece qualquer epigrama a acompanhar a referida *Oratio pro rostris*. Mas, na nossa opinião, o seu pedido não deixou de ser, de certo modo, satisfeito, pois esse epigrama deve ser aquele que Jerónimo Cardoso publicou no seu *Elegiarum Liber II*, fls. Fiv<sup>o</sup>-Fij, e no qual Inácio de Moraes elogia o estilo e o talento literário de Jerónimo Cardoso<sup>30</sup>:

---

feito a revisão da referida oração. Este dado também é importante para o estabelecimento da data desta carta, já que é provável que Jerónimo Cardoso tenha enviado o seu discurso a Inácio de Moraes pouco tempo depois de o ter proferido, ou seja, no final de 1536.

<sup>28</sup> Jerónimo Cardoso viria a aceitar a sugestão de Inácio de Moraes, pois na oração publicada pode ler-se, quase no final:

*Sapientia uero uestra numquam esse desinet, si semel coeperit,  
eamque ne mors quidem adimet.*

"Mas a sabedoria, essa, em começando, jamais deixará de ser vossa, e nem a morte a tirará". (Tradução de Míguel Pinto de Menezes).

Este facto prova que, para além da amizade existente entre estes dois humanistas, Jerónimo Cardoso tinha grande consideração e respeito intelectual por Inácio de Moraes.

<sup>29</sup> (...) *in commendationem orationis tuae, et ut nostri etiam amoris aliquod saltem tametsi exiguum extet monumentum.*

<sup>30</sup> O facto de este poema se referir à doçura do estilo de Jerónimo Cardoso e à sua vasta erudição clássica nas áreas da Gramática, da Filosofia e do Direito, permite-nos, de certo modo, pôr a hipótese de estarmos perante o poema que Inácio de Moraes

## IGNATIVS MOREVS AD AVTOREM

*Quam bene depingit pulchros Cardoso honores  
Musarum! Vt dulci manat ab ore lepos!  
Quanta demulcet mentes dulcedine fandi  
et nouit ueterum scripta uetusta uirum!  
Quicquid grammaticae docti scripsere magistri,  
quicquid Aristoteles protulit atque Plato,  
quicquid doctores legum iurisque periti  
et quicquid demum Graecia docta tulit,  
protulit in lucem multis celata tenebris,  
quae simul exornat floribus ipse suis.  
Nunc Cicero est uisus, sed si non fallor amore  
alter Virgilius postmodo uisus erit.*

"INÁCIO DE MORAIS PARA O AUTOR"<sup>31</sup>

Quão bem pinta Cardoso os dons amáveis  
das Musas; como a graça dimana da sua pena suave!  
Com que doçura de estilo afaga os espíritos  
e como conhece bem a obra antiga dos antigos escritores!  
Tudo o que nos legaram os eruditos gramáticos,  
tudo o que Aristóteles e Platão escreveram,  
doutores em leis e demais juristas,  
enfim, todo o legado da douta Grécia:  
das trevas traz à luz os primores  
que o seu talento ainda enriquece:  
já lembra Cícero mas, se me não ilude a paixão,  
logo a seguir outro Virgílio parecerá<sup>32</sup>”.

Na altura em que Inácio de Moraes ainda se encontrava em Lisboa, deve ter acontecido que, durante algum tempo, o humanista não enviou qualquer poesia a Jerónimo Cardoso, de tal modo que este se lamenta do facto nas primeiras estrofes de um seu poema (*El. fls.*

---

enviara a Jerónimo Cardoso para recomendação do seu discurso e recordação da sua amizade.

<sup>31</sup> Este poema foi traduzido pelo prof. Justino Mendes de Almeida e encontra-se publicado in CARDOSO, J. (1965), pp.22-23. É sua a tradução aqui apresentada Também foi publicado por MACHADO, B. (1966), p.489 e foi índa transcrito por CASTRO, A. M. S. (1887), p. 11.

<sup>32</sup> Inácio de Moraes compara Jerónimo Cardoso a Cícero, na prosa, e a Virgílio, na poesia. Já o tinha feito numa carta acompanhada de um pequeno epigrama que ele lhe escreveu anteriormente e que se encontra publicado no *Epistolarum Familiarium Libellus*, (1556), de Jerónimo Cardoso, fls. 33v<sup>o</sup> - 34 (vd. o epigrama na nota 22).

Biii-j-Bv), dizendo:

*Quin tuos elegos iocosque  
dulcis aegnati uelut ante mittis?  
Cur meos raro tua tam frequentat  
musa penates?*

*Parcius de te quererer minusque  
urbe si forsan procul hac abesses,  
ut nec aspectum placidosue possem  
cernere uultus.*

*Maenibus sed cum teneamur iisdem,  
nec uiae montes noceant lacusue,  
nostra quin ultro uolitent citroque  
ludicra semper.*

"Ó querido Inácio, porque não me envias como antes os teus versos elegíacos e os teus gracejos? Por que razão a tua musa frequenta tão raramente os meus penates?

Queixar-me-ia mais raramente e menos de ti se, porventura, estivesses longe desta cidade, de tal modo que eu não pudesse ver a tua presença e a tua figura tranquila.

Mas como moramos na mesma cidade, nem as estradas, os montes ou os lagos impedem que as nossas distrações andem sempre a correr de um lado para o outro."

Significativo é o facto de Jerónimo Cardoso, perto do fim deste poema, afirmar que a amizade de Inácio de Morais é, para ele, "mais doce do que o mel do Himeto"<sup>33</sup>.

Em 1537, no momento da partida de Inácio de Morais para Guimarães, para leccionar no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, Jerónimo Cardoso escreve uma elegia (*El. fls. Bv<sup>v</sup>°-Bvj*) em que se despede com profunda emoção, expressando todo o pesar que então o invadiu:

*Vt primum accepi tam tristia dicta, repente  
obstupui et mens est exanimata mihi.  
Pallor et infecit uultum penitusque putavi  
extremum uitae tempus adesse meae. (vv.7-10)*

.....

---

<sup>33</sup> Escreve Jerónimo Cardoso:

*Cuius est nobis amor ante mella  
dulcis Hymetti.*

*Cum meus hinc abeat uates Aegnatius unus,  
quem laudant doctae turba nouena deae,  
et repetat patriae fines urbemque relinquat  
quae de Dulichii est nomine dicta ducis,  
deserit ante omnes memet, carosque sodales,  
a quibus eximio cultus amore fuit.  
Quae mihi laeta dies? Quae gaudia grata uenire  
iam poterunt? Superest quid nisi flere nimis?* (vv.15-22)<sup>34</sup>

"Logo que acolhi tão triste fala, de súbito  
fiquei paralisado e a vida se esvaiu do meu espírito,  
e a palidez me desfigurou o rosto e profundamente julguei  
ter chegado a hora derradeira da minha vida!"  
.....

"Quando daqui parte o meu querido Inácio, poeta sem-par,  
a quem louva o coro das nove sábias deusas,  
e busca os confins da pátria e deixa a cidade  
que tem o nome do chefe dulíquio,  
antes de todos, é a mim, a mim, que ele abandona; e aos  
queridos companheiros,  
de quem recebera um raro amor.  
Que dia alegre poderei já ter? Que gratos prazeres poderão  
agora aparecer-me?  
Que me resta, senão chorar em abundância?"

Doravante apenas lhe resta:

*(...) ingenti consumere tempora luctu  
membraque pullata cingere ueste mea,  
nam cum discedas animo, gratissime, nostro  
Aegnati, ueniet quae mihi grata quies.* (vv.31-34)

(...) "consumir o tempo no luto pesado  
e cingir meus membros de veste sombria,  
pois, só quando te apartares de meu espírito, ó tão querido  
Inácio, há-de vir o repouso que me é grato."

Recorda, já com profunda saudade, o importante papel que Inácio de Moraes desempenhava na sua criação poética:

*Tu solitus uires scribenda ad carmina ferre  
calcar et ingenio subdere saepe meo;  
integer et nostros iudex reprehendere uersus*

---

<sup>34</sup> ANDRÉ, C. A. (1992), pp.198-201, publicou, na íntegra, esta elegia e a sua respectiva tradução, e comentou-a nas páginas 178-179. É sua a tradução dos excertos aqui apresentados.

*assuesti, et lapsus ungue notare meos;  
et belle siquid forsán mea musa canebat,  
tollebas laudes protinus ipse meas. (vv.35-40)*

"Somente tu costumavas trazer-me forças para escrever poemas e tantas vezes cravar as esporas em meu engenho; como íntegro juiz, habituaste-te a criticar meus versos e com a unha anotar meus erros; e se acaso a minha musa algo cantava com bela voz, logo tu mesmo tecias o meu elogio."

Agora:

*His ego cum caream, non est quod scribere uersus  
aut mandare Notis uerba soluta uelim. (vv.41-42)*

"Como estou carecido de tudo isto, não há razão para querer escrever versos, ou desejaria confiar aos notos palavras sem ritmo."

Por fim, pede a Inácio de Moraes que nunca se esqueça dele:

*Sed quia iam fatís hoc debebatur iniquis,  
fuc me constanti pectore semper ames;  
nomen et in terras quascumque habitaueris ipse  
te precor ut referas, dulcis amice, meum. (vv.43-46)*

"Mas, pois que à crueldade dos fados isto se devia, faz por me querer sempre com firmeza de coração; e o meu nome, quaisquer que sejam as terras que venhas a habitar, eu te peço, ó meu doce amigo, que o leves contigo."

E garante que, também ele, terá sempre um lugar no fundo do seu coração:

*At me seu gelidum Fortuna inimica sub axem  
detulerit, Libyam siue sub aestiferam,  
illic praefixus medio mihi corde sedebis;  
illic semper eris plurimus ore meo;  
illic te recolam, seu clara Aurora nitebit,  
seu ducet bigas candida luna suas. (vv.47-52)*

"Mas, quer a Fortuna adversa me leve para o gélido pólo, quer para a Líbia ardente, aí terás um lugar firme no fundo de meu coração; aí sempre estarás, de mil maneiras, em meus lábios; aí continuarei a ser-te dedicado, quer brilhe a clara Aurora,

quer a lua rebrilhante guie as suas bigas."

Um outro poema, intitulado *Ad Aegnatum Moreum qui suam iuuentutem monuerat loquitur iuuentus* (El. fls. Cij-Ciij), deve ter sido composto como resposta a uma carta de Inácio de Morais, pois Jerónimo Cardoso começa por dizer que considerou de grande importância os conselhos de Inácio de Morais e que gostaria de lhe poder testemunhar o seu reconhecimento<sup>35</sup>. Desejava, pois, que lhe fossem concedidos o talento e as forças necessários à criação de poemas dignos dos méritos de Inácio de Morais<sup>36</sup>. Solicita então, a várias entidades, as qualidades necessárias para tal:

*Plectra mihi Phoebus, cytharam det atlantide Maia  
natus, detque sophos Pallas et ingenium.  
Det quodcumque mihi eloquium tulit alta uetustas.  
Detque suum uatem Mantua, Sulmo suum,  
his super adiungat Cypris formosa leporem,  
ut placeat quicquid lingua sonare uelit. (vv.11-16)*

"Que Febo me dê uma lira, o filho da atlântide Maia uma cítara, e Palas me dê sabedoria e engenho. Que a ilustre Antiguidade me dê toda a eloquência que produziu; e que Mântua me dê o seu poeta, e Sulmona o seu; que a formosa Cípris acrescente a estes, além disso, o encanto, para que agrade tudo o que a palavra quer cantar."

Este poema estará no centro de uma discussão filológica entre os dois humanistas, a propósito da palavra *aulaeatis* que aparece no

---

<sup>35</sup> Cf. vv.1-6:

*En ego praeceptis Cardosi assueta iuuentus  
perlegi monitus clare poeta tuos,  
quos quia sincero puroque e corde fluebant,  
tanti habui, ut posset gratius esse nihil.  
Vnde tibi grates dubito quas soluere possem,  
quoue canam laudes ordine et artes tuas*

<sup>36</sup> Diz Jerónimo Cardoso:

*Deficium uires cupidam, nec tanta facultas,  
ut referam meritis carmina digna tuis. (vv. 9-10)*

Também noutro poema (Syl. pp.38-40), Jerónimo Cardoso pede que lhe seja trazida uma lira ou uma cítara melodiosa com que pudesse cantar as inúmeras qualidades de Inácio de Morais:

*Vnde ego uel plectrum cupiam cytharamue sonantem  
afferri, innumeras liceat qua promere laudes  
Aegnati facunde tuas.... (vv. 20-22)*

verso 41, discussão que serviu de tema principal às duas cartas que referiremos de seguida.

A de Inácio de Morais (*Ep.* fls. 53-54v<sup>o</sup>) deve ter sido escrita na altura em que ele se encontrava a leccionar em Guimarães, longe, portanto, do amigo. É o que se conclui das palavras com que Inácio de Morais termina a referida carta:

*Quaeso te ne graueris iucundissimis scriptis tuis nobis partem leuare taedii quo propter solitudinem saepe tenemur tametsi inter agrestes musas aetatem agamus, inter Satyros etiam et Faunos monticulasque Syluanos quae uniuersa turba te plurimum saluere iubent.*

"Peço-te que não te recuses a aliviar com os teus agradabilíssimos escritos uma parte do nosso tédio pelo qual sou frequentemente atingido devido à solidão, embora passe o tempo entre Musas agrestes, Sátiros, Faunos e Silvanos, habitantes das montanhas que, todos juntos, te mandam muitas saudações."<sup>37</sup>

Apesar de tratar essencialmente de assuntos filológicos<sup>38</sup>, esta carta revela mais uma vez o prazer e a vontade que Inácio de Morais sente em falar com Jerónimo Cardoso. É o que se deduz das suas palavras:

*... tamen nescio qui fit ut animus mihi semper gestiat te ad colloquium et tam honestos lusus compellare cui uel inuito nugas meas obrudo...* (fl. 53-53v<sup>o</sup>)

..."todavia não sei porque acontece que o meu espírito está sempre ansioso por dirigir-te a palavra para uma conversa e tão belos passatempos, a ti, a quem, contra a tua vontade, imponho as minhas bagatelas."

Jerónimo Cardoso responde a esta carta de Inácio de Morais com uma outra carta (*Ep.* fls. 55v<sup>o</sup>-57v<sup>o</sup>), também ela de carácter

<sup>37</sup> Um alívio dos muitos cuidados, do sofrimento dos trabalhos quotidianos e da fadiga e da inquietação, é o que os escritos de Inácio de Morais também representam para Jerónimo Cardoso. É o que ele nos diz numa carta sua:

*Ne ullus isthinc da nos commet nuntius, quin tua deferat scripta. Quae mihi tam multis obruto curis quotidianisque laboribus discurtiato satietatem et molestiam mitigent.* (*Ep.* fls. 57-57v<sup>o</sup>).

<sup>38</sup> Inácio de Morais questiona o seu amigo sobre a razão que o levou a considerar longo o *e* da palavra *auleatis*. Veja-se o texto integral desta carta e a respectiva tradução in COUTO, A. P. (1995), pp.311-315.

essencialmente filológico, em que trata Inácio de Morais por *doctissime Aegnati*<sup>39</sup> "doutíssimo Inácio" e *amice* "amigo". Nela, responde à pergunta que o Humanista lhe pusera acerca da razão que o levou a alongar o *e* de *auleatis*. Depois de dada a explicação com que refuta a opinião de Inácio de Morais, Jerónimo Cardoso, preocupado com o facto de poder vir a ser mal interpretado pelo amigo, quer deixar claro que estas coisas não foram ditas por ele com qualquer carga pejorativa, bem pelo contrário, pois sempre admirou muito a erudição de Inácio de Morais<sup>40</sup>.

Da análise destas cartas e destes poemas de Inácio de Morais e de Jerónimo Cardoso pode concluir-se que houve de facto laços de profunda amizade entre estes dois humanistas, cujas vidas foram marcadas por um semelhante gosto pelas letras. Mas a semelhança entre eles não se ficou pelo campo cultural, estendeu-se também às dificuldades económicas por que ambos passaram, sobretudo na parte final das suas vidas.

Que a situação económica de Inácio de Morais não era, no fim da sua vida, a melhor, comprovam-no alguns versos da epístola de Pedro Sanches, intitulada *Epistola ad Ignatium de Moraes*<sup>41</sup>:

..... *Video doleoque maligna*  
*te nunc sorte premi, qui (si mala saecla tulissent)*  
*dignus eras meliore foco, meliore culina,*  
*atque toga meliore tegi, Moralis, in ore*  
*cuius Musa sedet, doctoque in pectore Phoebus.*  
*At nunc quod misero uilis tibi gobio coenam*  
*praebet, nec mensis feruet scriblita secundis,*  
*mollia nec serui sternunt tibi lina Canopi,*  
*nec Canusina tuo componit stragula lecto*

---

<sup>39</sup> Trata-o da mesma forma no v.7 do poema publicado no *Sylvarum liber unus*, pp.38-40.

<sup>40</sup> Cf. fl. 57: *Nec uelim haec a me irato aut hostili animo dicta fuisse credas, uerum id quod res est candide et sincere, ac citra maledicentiae aut rabiosae dicacitatis notam semper de te tuisque monumentis et loqui et sentire. Nam quantum te semper suspexerim, tuamque eruditionem miris modis reconditissimam fuerim admiratus.*

<sup>41</sup> Esta longa epístola, composta por 592 versos escritos por volta de 1579-1580, e dirigida a Inácio de Morais foi publicada por REIS, A. (1745), pp. 11-31. Encontra-se também no ms. 6368 da Biblioteca Nacional de Lisboa e no ms. de João Franco Bareto, *Bibliotheca Lusitana* (também da Biblioteca Nacional de Lisboa).

O prof. A. C. RAMALHO traduziu os primeiros 81 versos desta epístola (vd. (1985), pp.220-225). É sua a tradução aqui apresentada.

*uerna satur, diri hoc est inclementia fati,  
et crimen, fortuna, tuum, quae lege pudenda  
deprimis atra bonos, atque alba extollis inertes.*

(vv. 5-16)

(.....)

*Saepe fame obscaena palles et frigore saepe  
horres, cum Boreas gelida bacchatur ab Arcto.*

(vv. 28-29)

"Eu vejo, e com isso sofro, que és perseguido pela má sorte, tu que, se estes maus tempos o permitissem, eras digno de melhor casa, melhor cozinha, e de ser coberto com melhor manto, ó Morais, em cujos lábios reside a Musa, e no douto peito Febo. Mas agora que, mísero de ti, tens por ceia um reles cadoz e não ferve, para teu segundo prato, uma torta, que os teus criados não estendem macios linhos de Canopo e um escravo favorito, de estômago cheio, não faz a tua cama com cobertores de Canúcio - tudo isto é inclemência do destino e culpa tua, ó fortuna!, que com vergonhosa lei abates, negra, os bons, e exaltas, branca, os inúteis.

(.....)

Muitas vezes andas pálido de vergonhosa fome, muitas vezes andas eriçado de frio, quando Bóreas desenfreado sopra do lado da gélida Ursa."

Quanto à vida de Jerónimo Cardoso, ela terá sido de tal modo difícil que Diogo de Teive - num pequeno epigrama dirigido a Pedro Sanches, e no qual exalta a memória de Jerónimo Cardoso, falecido em 1569 - afirma:

*Debita soluisti Fatis, Cardose, tibi que  
Mors est pro uitae munere (credo) data.  
Paene sepultus eras uiuus, nunc mortuus auras  
Vitales carpis, nunc mihi uiuus ades.*

"Pagaste a tua dívida aos Fados, ó Cardoso, e a ti, assim o creio, foi a morte concedida como recompensa da vida. Vivo, estavas quase sepultado. Morto, agora respiras as auras imortais, e estás a meu lado, como vivo."<sup>42</sup>

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, J. M. (1959) - "O primeiro Lexicógrafo Português da Língua Latina: Jerónimo Cardoso" in *Euphrosyne*, 2, pp. 139-152.  
----- (1957) - "Uma carta latina do Humanista Jerónimo Cardoso" in

---

<sup>42</sup> Vd. RAMALHO, A. C. (1983), pp.259-261, onde está publicado o epigrama, na íntegra, e a respectiva tradução. É sua a tradução aqui apresentada.

*Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, 3, pp.207-213.

ANDRÉ, C. A. (1992) - *Mal de ausência - o canto do exílio na lírica do humanismo português*. Coimbra, Minerva.

CARDOSO, J. (1563) - *HIERONYMI / CARDOSI LAMACENSIS / ELEGIARVM LIBER II / AD DOCTOREM ALVARVM / VAZ IVRISCONSVLTVM / PERITISSIMVM. / VLISIPONE. / Apud Ioanem Barrerium / Typographum Regium.*

----- (1556) - *HIERONYMI CARDOSI / LVSITANI EPISTOLARVM / Familiarium Libellus. / OLYSIPONE. / Apud Ioannem Barrerium Typographu Regium.*

----- (1550) - *Hieronymi Car- / DOSI LVSITANI. / LIBELLVS / De terrae motu. / De uario amore aegloga. / De Disciplinarum omnium laudibus Oratio. CONIMBRICAE. / Apud Ioannem Barrerium & Ioannem / Alvarum Typographos Regios.*

----- (1965) - *Oração de Sapiência proferida em louvor de todas as disciplinas*. Reprodução fac-similada da edição de 1550. Tradução de Miguel Pinto de Menezes, introdução do Doutor Justino Mendes de Almeida, Lisboa, Instituto de Alta Cultura

----- (1564) - *HIERONYMI / Cardosi Lamacensis syl- / uarum liber unus, / Ad Petrum aluarum mancelu / patriu adolescentae accessit prae- / terea epithalamion serenissimae, / D. Ioannae reginae de signatae quinti Caroli Caesaris filiae, et / serenissimi Principis. D. Io- / annis, Sebastiani Regis / nostri inuictissimi patris. / VLYSSIPONE. / Apud Ioannem Barrerium.*

CASTRO, A. M. S. (1887) - *Elogio de Coimbra em versos latinos por Ignacio de Moraes*. Coimbra, Imprensa da Universidade.

COUTO, A. P. (1995) - *Inácio de Moraes - Vida e Obra*. Coimbra. (Dissertação de doutoramento, policopiada).

ERASMO, D. (1961) - *Desiderii Erasmi Roterodami Opera Omnia Emendatiora et Auctiora*. Tomus secundus. Complectens Adagia. Leida, 1703. (Repr. Hildesheim, Georg. Olms, 1961).

FERREIRA, F. L. (1937) - *Notícias Chronológicas da Universidade de Coimbra*. primeira parte (Edição de Joaquim de Carvalho). Coimbra, por ordem da Universidade.

MACHADO, B. (1966) - *Bibliotheca Lusitana*. Vol. II, Coimbra, Atlântida Editora.

MARTINS, I. D. F. (1986) - *Bibliografia do Humanismo em Portugal no século XVI*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, I.N.I.C..

RAMALHO, A. C. (1983) - *Estudos sobre o século XVI*. Lisboa,

---

Também pelo privilégio do Dicionário de 1569-1570 e pela dedicatória do alemão Stockhammer a D. Sebastião, somos informados que a mulher de Jerónimo Cardoso se chamava Filipa e que ele a deixou na miséria aquando da sua morte.

Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

----- (1985) - *Latim Renascentista em Portugal*. (antologia), Coimbra, I.N.I.C..

REIS, A. (1745) - *Corpus illustrium poetarum Lusitanorum qui Latine scripserunt, nunc primum in lucem editum ab [...], nonnullisque poetarum uitis auctum ab Emanuele Monteiro, [...]*. Vol. I Lisbonae, Typis Regalibus Sylvianis, Regiaeque Academiae.

RÉVAH, I. S. (1964) - "Les origines de Jerónimo Cardoso, auteur du premier dictionnaire portugais imprimé" in *Boletim da Academia das Ciências de Lisboa*, XXXVI, pp. 277-279.

TEYSSIER, P. (1990) - "Jerónimo Cardoso et les origines de la lexicographie portugaise" in *Études de Littérature et de Linguistique*. Paris, F.C.G. - Centro Cultural Português, pp. 199-230.